Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina (Aníbal Quijano)

(texto impresso)

Páginas: 117 a 142

Apresentação: texto aborda as relações da globalização, iniciada na modernidade, envolvendo as trocas entre Europa e América Latina, constituídas por uma hierarquização baseada em raça e novas formas de organização do trabalho. Há uma engrenagem complexa neste processo que implica nas formas de desenvolvimento simultâneo entre a Europa colonizadora e a América Latina colonizada. Há uma constituição paulatina de um padrão mundial de poder que vai bem além do aspecto econômico, juntando três elementos: 1) o colonial moderno; 2) o germe do capitalismo; 3) o olhar eurocentrado. Há a formação de um sistema-mundo baseado em novas organizações do trabalho e na apropriação do conhecimento como constituição do capitalismo. Não existia ideia de exploração da colônia, visto que as relações estavam baseadas em uma questão "consolidada" da raça. As formas de trabalho são complementares, temos o trabalho escravo (negros) como núcleo, e a servidão (indígenas) e o trabalho mercantil como formas complementares. Até por citar a colonialidade do poder como um fenômeno que ultrapassou o período colonial, é possível fazermos muitas associações deste momento histórico com as relações de poder envolvendo a questão racial nos dias de hoje.

- ➢ A ideia de raça faz uma categorização das pessoas como forma de dominação colonial (eurocentrismo). A colonialidade do poder atravessa o período colonial e se mantém ativa até os dias de hoje;
- ➢ A América inaugura um novo padrão de poder mundial e constitui a primeira identidade da modernidade;
- ➢ A América diante da convergência de dois processos históricos: 1) codificação por raça; 2) novas formas de controle do trabalho;

"A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, temos o espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial" (pg. 117)

- ➢ Sistema-mundo: como o mundo se estrutura;
- ➢ Colonizadores codificam a partir dos traços fenotípicos (ideias de raça ⇒ legitima a dominação ⇒ expansão do colonialismo pelo mundo)
- ➢ Colonizados são colocados em posição inferior, assim como seus traços fenotípicos, suas descobertas mentais e culturas;

➢ Até a mesmo a concepção de modernidade é vista como um mito. Porque o várias outras civilizações estavam também desenvolvidas;
➢ Nova escravidão, nova servidão, nova produção mercantil: 1) atender o mercado mundial; 2) articuladas no mesmo tempo/espaço; 3) novos traços e configurações histórico-estrutural
➢ Raça e divisão do trabalho foram estruturalmente associados;
➢ Visão: o trabalho assalariado como privilégio dos brancos.

“ Não é muito difícil encontrar, ainda hoje, essa mesma atitude entre os terratenentes brancos de qualquer lugar do mundo. E o menor salário das raças inferiores pelo mesmo trabalho dos brancos, nos atuais centros capitalistas, não poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo. Em outras palavras, separadamente da colonialidade do poder capitalista mundial” (pg. 120)

➢ A colonialidade do controle de trabalho condiciona uma geografia social do capitalismo;

EUROPA	□	**MUNDO**
- Controle do mercado - Domínio colonial - Padrão de poder		- Re-identificação de identidades geoculturais

➢ Hegemonia européia: controle da subjetividade, cultura e conhecimentos;
➢ Há também uma configuração intersubjetiva da Europa e o mundo com um processo de seletividade com os outros povos divididos em três situações: 1) expropriação cultural dos países para o capitalismo; 2) repressão cultural; 3) imposição cultural;
➢ O sentimento de superioridade está baseado em etnocentrismo e classificação racial;

“A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia européia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (pg. 121)

➢ A modernidade e a racionalidade são imaginadas como produtos europeus. Autor comprova como mitos quando contrapõe imaginação europeia e a prática de um mundo

como as chamadas “altas culturas”, onde já existiam pirâmides, matemática, irrigação, escrituras, etc. Evolucionismo e dualismo se encaixam no imaginário eurocêntrico;

- (* o mundo colocado em caixas: europeus-não europeus, oriente-ocidente, primitivo-civilizado, etc. *)
- Ao mesmo tempo, autor reforça que o debate exclusivo sobre o protagonismo da modernidade está dentro da perspectiva eurocêntrica, e que precisamos escapar desta perspectiva epistemológica;
- Há um mito europeu de fundador da modernidade em que passamos unilinear e unidirecional do “estado da natureza” para uma “civilização européia”;
- As identidades histórias (várias etnias chamadas como índios, por exemplo) são despojadas para servir ao trabalho;

“Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores. Implicava também sua relocalização no novo tempo histórico constituído com a América primeiro e com a Europa depois: desse momento em diante passaram a ser o *passado*. Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva do conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo” (pg. 127)

- Capitalismo mundial: longe de ser uma totalidade homogênea e contínua (* mais um erro da imaginação eurocentrista *). A América provou que o capitalismo é como uma estrutura heterogênea que se articula em si. Porém, articulada pela mais-valia;

“A imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somo tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida” (pg. 129-130).